

Editorial



Osvaldo Cabral
osvaldo.cabral@diariodosacores.pt

O discurso do Rep Rep

Os Representantes da República discursam, geralmente, duas vezes por ano: no Dia de Portugal e na mensagem de Ano Novo.

O dos Açores não foge à regra e, justiça seja feita, o embaixador Pedro Catarino, em todas as suas intervenções, gosta de se focar nas grandes mudanças internacionais, como as alterações climáticas.

Desta vez, acrescentou-lhe mais quatro preocupações: a preservação da paz e da segurança colectiva, a regressão democrática em várias partes do mundo com o surgimento do populismo, o universo digital e, ao de leve, as desigualdades sociais.

Numa outra intervenção da cerimónia no Solar da Madre de Deus, em que foi orador convidado o ex-secretário de Estado da Energia dos EUA, o descendente de açorianos Ernest Moniz, falou essencialmente da diáspora portuguesa e açoriana.

Ambos os discursos são excelentes peças oratórias, bem estruturadas e prontas para ganhar consenso em qualquer circunstância.

O problema é outro.

O Representante da República representa exactamente a República e, no dia em que comemoramos Portugal nos Açores, o que se espera do seu representante é que fale da presença (ou ausência) do Estado português nestas ilhas.

O embaixador Pedro Catarino passou ao lado de tudo o que ele representa nesta Região, ignorando a presença dos serviços do Estado nos Açores, que, como se sabe, são quase todos deploráveis, fugindo, igualmente, da polémica do momento, que é o abandono das obrigações do Estado para com esta Região Autónoma.

É claro que o Representante da República não quis, deliberadamente, abrir um conflito com os órgãos do Estado, nomeadamente com o governo da República, se começasse a desfolhar as desgraças dos serviços e obrigações do Estado nestas ilhas.

E é aqui que está o ponto, porque não fazendo nenhuma referência àquilo que mais interessa à população destas ilhas, prova a sua inutilidade e a premente extinção do cargo.

Não há nada a apontar a quem ocupa o lugar - uma excelente pessoa, segundo dizem, muito bem formada e admiradora das nossas ilhas -, mas aquilo que representa, para além de uma inutilidade prática, é um encargo enorme para os bolsos dos cidadãos.

O que gastamos com os gabinetes dos Representantes da República dava para corrigir a degradação dos serviços do Estado nesta Região e aplicar noutras prioridades a que o Estado se esquivava e não cumpre.

O Representante da República recebe mensalmente um vencimento correspondente a 65% do vencimento do Presidente da República, tem direito a um abono mensal para despesas de representação no valor de

40% do respectivo vencimento, tem ainda o direito a receber subsídio de férias e de Natal, direito a transporte e ajudas de custo idênticos aos ministros, carro do estado para uso pessoal nos Açores e no Continente, uma residência, livre trânsito, porte de arma, segurança pessoal, passaporte diplomático, prioridade nos aviões e um regime de previdência social mais favorável ao funcionalismo público.

E tudo isto para quê? Para o Representante da República andar a circular, durante o ano, em cerimónias oficiais e recepções de croquetes, sem que se conheça alguma influência ou poder junto da República, que representa, para resolver os imensos problemas do Estado português nas Regiões Autónomas.

Nem no Dia de Portugal faz referência aos problemas que Portugal tem nestas ilhas e nem releva o contributo que os Açores dão a Portugal em todos os sentidos.

É como se o Presidente do Governo Regional, no Dia dos Açores, fizesse um discurso a falar dos problemas internacionais, sem nenhuma referência aos problemas da Região.

Para um cargo assim, os açorianos já contribuíram muito.

É tempo de dispensá-lo, sem demoras.

E sem saudades.

Fazer política com a desgraça dos outros

Partidos políticos e autarcas deram um triste espectáculo a propósito dos estragos causados pelo mau tempo na Ribeira Quente.

Fazer combate político à custa da desgraça das populações é do mais vil que há na política.

Aquilo a que assistimos é a prova de que a política do lamaçal que está a emporcalhar o país também parece acolher, perigosamente, seguidores cá dentro.

A política regional está recheada de gente sem mérito e cultura política, longe dos tempos em que ela era encarada, nesta região, com enorme elevação, respeito pelo adversário e muita pedagogia.

É a consequência do descrédito em que caíram os partidos, ao albergar tudo o que oportunisticamente lhes aparece pela frente, sem cuidar do mérito de cada um.

É a política no seu pior nível.

Venda de carros novos cresce pelo segundo mês

A venda de carros novos nos Açores voltou a crescer em Abril, pelo segundo mês consecutivo, depois de uma queda nos dois primeiros meses.

Nos primeiros quatro meses do ano já foram vendidas na Região 1.359 viaturas novas, quando no mesmo período do ano passado tinham sido 1.288.

A categoria de ligeiros de passageiros tem vindo a aumentar, enquanto que a de mercadorias está em queda.

	Ano	Mês												Acumulado Homólogo	
		Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maior	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro		
Total veículos	2022	293	280	366	349	347	385	304	351	351	276	397	426	1 288	
	2023	286	263	438	372									1 359	
Ligeiros	Passageiros	2022	244	222	299	308	305	340	254	282	296	241	333	366	1 073
		2023	248	205	382	340									1 175
		2022	39	52	57	34	34	38	37	52	39	28	48	46	182